



O Pensamento dos Fracos

Gianni Vattimo*

Presentación para el número monográfico de *A Parte Rei*

Posso me permitir -aliás, a ocasião desta recopilação de textos é perfeita-fazer um pouco de autobiografia? Pois então, diria que o sentido (ainda) atual do pensamento fraco está nas temáticas que são delineadas nos meus escritos mais recentes, isto é, na temática religiosa e na política. Agora, eu me interesso quase exclusivamente pela (filosofia) política e pela reflexão religiosa. Não acho que tenha que argumentar a centralidade destas duas temáticas para a cotidianidade do mundo – tardo-industrial, neo-imperialista, às vezes decididamente apocalíptico - no qual vivemos hoje. Naturalmente, o significado da filosofia que se expressa no pensamento fraco não é só aquele (aliás, de jeito nenhum de pouco valor) que fala das coisas que são da nossa competência. Tem também a ambição de falar de alguma maneira resolutiva. A visão “niilista” que o pensamento fraco extrai da meditação sobre Nietzsche, Heidegger, também propõe uma –se quiser paradoxal - filosofia da história e do seu sentido, que pode ser resumida na idéia do enfraquecimento do ser como a única possibilidade de emancipação. Niilista é esta proposta porque não obtém a noção de enfraquecimento de nenhuma descoberta metafísica da “essência” negativa do ser, da verdade do nada, etc. Senão que a lê, no curso da história do Ocidente –cujo nome mesmo é denso de sugestão, terra do crepúsculo- sobre o rastro de Nietzsche repensado à luz da diferença ontológica heideggeriana. Nesta leitura – como, de outro modo, pode-se documentar através da leitura dos escritos nietzscheanos e heideggerianos, embora não só destes - a presença da tradição judeu-cristã tem um peso fundamental. O pensamento fraco não seria possível sem a fundamental doutrina da *Kenosis*, da Encarnação de Deus como sua descida, sua verdadeira e própria autodissolução por amor. Com isso, não só a filosofia (a nossa filosofia ocidental) encontra suas bases na tradição religiosa dominante à qual se tem referido constantemente, embora também, em muitas ocasiões, de um modo polêmico. Mas o mesmo cristianismo se apresenta como ainda possível só na forma do “*debolismo*”. Com tudo o que este reconhecimento produz numa polêmica com respeito às atuais posições das Igrejas e especialmente da Igreja católica

A evocação do cristianismo e da *Kenosis* faz pensar rapidamente que se trata aqui fundamentalmente da salvação das almas, da vida eterna e dos modos de assegurá-la. Porém, a idéia de emancipação como enfraquecimento (da peremptoriedade) do ser metafísico (eterno, necessário, dado como fundamento cognoscitivo e como norma ética universal) é essencialmente um ideal histórico e, portanto, também político. A pergunta sobre “o que fazer” não pode ter respostas fundadas sobre alguma essência eterna, só pode dar lugar a uma releitura do “onde estamos” para entender –de maneira arriscada e com toda a incerteza da interpretação- o sentido para onde ir. O niilismo e o enfraquecimento são, além do (único?) modo de ser cristãos hoje, também o mais razoável programa político que pode ser proposto. Não se trata da idéia de construir (por fim) uma sociedade “*justa*”, ou seja, conforme o verdadeiro modelo que já era o sonho de Platão;

* Agradecemos a Gianni Vattimo este prólogo tan lleno de caridad.

senão, se quiser, uma sociedade “*aberta*”, que pode ser tal só se, primeiramente, liquidar os tantos tabus metafísicos (os Valores, os Princípios, as Verdades) que serviram aos privilegiados para manter e reforçar os seus privilégios, e se abrir para o diálogo entre pessoas e grupos. A política que o “*debolismo*” e a hermenêutica querem inspirar é radicalmente realista, até os extremos do maquiavelismo. Não existem essências imutáveis, só há interpretações, quer dizer, na política, negociações entre indivíduos e grupos que sem dúvida têm interesses contrastantes e que podem ser conciliados somente em nome de valores comuns possíveis de achar no seu patrimônio cultural, sobretudo entendido como repertório de argumentos retoricamente persuasivos que finalmente substituem as “razões” dos mais fortes: aqui as análises nietzscheanas sobre a relação entre verdade (imposta) e força continuam decisivas, ao menos tanto como as marxianas. Mas: será que queremos substituir as razões da força, pela força (retórica) das razões porque isto nos parece o mais justo? Será também que o ideal de uma sociedade aberta é, portanto, um ideal metafísico, um “Valor” do qual não podemos prescindir? Aqui a resposta é não: o pensamento fraco está em contra das razões da força só porque se acha entre os fracos, entre os perdedores da história dos que Benjamin fala. O pensamento fraco também não é, ele menos do que nunca, uma filosofia universal. É somente como o proletariado marxiano: enquanto desapropriado tem mais títulos para se apresentar como portador da essência humana mais geralmente válida. Em algum sentido é, pois, justo dizer que o pensamento fraco é o pensamento dos fracos, dos vencidos da história que, porém, não orientam a busca da própria libertação só na vida eterna. O “não dito” que a metafísica (e em definitiva o poder) tem obscurecido desde sempre e ao que Heidegger procura escutar, é a palavra inaudível dos vencidos da história que a filosofia tem a tarefa de fazer-nos capazes de escutar. Somente nessa palavra, se por acaso alguma coisa assim for possível, pode falar-nos novamente a ser.

Gianni Vattimo

Traducción al portugués: **Carina Barres**